

Carlos Cavaco foi uma das mais extraordinárias personalidades gaúchas da primeira metade do século XX

ACERVO FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/REPRODUÇÃO/JC

Reportagem Cultural

O quixotesco tribuno do Rio Grande

Marcello Campos, especial para JC

O currículo é de fôlego. Militar, advogado, orador, jornalista, escritor, poeta, líder sindical, ativista político-partidário, propagandista, ator, teatrólogo, funcionário federal, diplomata, professor e boêmio. Poucos nomes ecoaram com tamanha força, polêmica e dramaticidade no Rio Grande do Sul das primeiras décadas do século XX quanto o de Custódio Carlos de Araújo, vulgo Carlos Cavaco (1878-1961). Nascido em Sant'Ana do Livramento (Fronteira Oeste) e filho de um voluntário da Guerra do Paraguai com uma dona de casa, forjou na índole expansiva - aliada ao físico avantajado - um personagem emblemático daqueles tempos de agitação política e social no Estado.

Constam em seus relatos a robustez e demonstrações de força incomum na infância como motivos do apelido familiar de 'Toco', em alusão à parte do tronco que permanece presa ao solo após o corte da árvore. "Aos 5 anos, uma de suas proezas consistia em levantar pesadíssima carabina com apenas uma das mãos, sob aplausos", conta o historiador conterrâneo Ivo Caggiani (1932-2000) no livro *A Vida Quixotesca de um Tribuno de Porto Alegre* (1986). Na primeira vez em que o nervosismo impediu a repetição da proeza diante de amigos do pai, este rebaixou o guri: "Agora tu não é mais 'Toco', virou 'cavaco'". O novo apelido pegou de tal forma que, décadas depois, acabaria incorporado à documentação pessoal.

Caçula de sete filhos (in-

cluindo seis mulheres), Custódio tinha 9 anos quando a morte do patriarca agravou a já modesta situação financeira da família. O cenário seria lembrado em sua autobiografia *Caminhos do Meu Destino* (1960): "Filho de um guerreiro e uma santa, entrei na vida pela mão de um destino cruel e que me ensinou a ter fome e frio. De peito coberto de medalhas e todas as promoções por atos de bravura, meu pai deixou uma herança de glória e pobreza. O soldo de cadete do meu irmão mal chegava para carne e pão. A mãe e minhas irmãs costuravam para um alfaiate da cidade, a fim de ganhar o que faltava para alimentação e alguma roupa modestíssima".

Cavaco tinha pouco mais de 15 anos quando se alistou entre os maragatos (oposicionistas ao governo estadual de Júlio de Castilhos) na Revolução Federalista (1893-1895), guerra civil tristemente célebre pelas mais de mil degolas. Com o pescoço ileso sob o lenço vermelho após o conflito, deflagrou no 18º Batalhão de Infantaria do Exército em Livramento uma carreira que o levaria a Pelotas, Quaraí, São Borja, Rio Pardo e Realengo/RJ, onde cursou a Escola Militar, antes do retorno à cidade natal. Mas o temperamento indisciplinado não combinava com as exigências da farda, respingada por ganchos que o levariam ao desligamento do então segundo-sargento.

Faltou contar que Custódio era também um estudioso e autodidata de hábil manejo tanto na palavra falada quanto na escrita. Casado desde 1902 com



a adolescente Rosita Lupi (ele 24 anos e ela 15 ao trocarem alianças), tomou junto à companheira o rumo que lhe parecia óbvio diante de suas inquietudes no início de 1904: a Capital. Sem formação acadêmica em

Direito mas munido de autorização legal então concedida a indivíduos com notório saber jurídico (os "provisionados" ou "rábulas"), o ex-militar abriu banca de advocacia e mergulhou na vida intelectual, jorna-

lística e política da metrópole, encontrando na cidade palco e plateia que projetariam além das fronteiras gaúchas uma de suas mais insólitas figuras.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Denúncia que fica pelo meio do caminho

O 33º Porto Alegre em Cena, veio, neste ano, com uma seleção extraordinária de espetáculos, com alguma evidente mudança de critérios, embora não explicitados, que redundou numa redinamização da principal mostra de artes cênicas da cidade.

Por exemplo, tivemos dois espetáculos assinados por Yara de Novaes, com resultados bastante diferentes, o que evidencia que um diretor não faz milagres: depende, e muito do material que tem em mãos, da dramaturgia à equipe técnica e, evidentemente, do elenco.

Começo com *Mãos trêmulas*, de Victor Nóvoa, cujo tema - o etarismo - é mais do que oportuno. O espetáculo, de cerca de uma hora, traz dois personagens. De um lado, uma costureira de figurinos teatrais que, com a idade, começa a ter suas mãos trêmulas e, em consequência, necessita de mais tempo para trabalhar, ainda que comece a apresentar deficiências de acabamento em seus trabalhos. Do outro lado, um antigo cozinheiro que, do mesmo modo, com a idade, começa a ter suas mãos trêmulas e enfrenta dificuldades com o ritmo de trabalho na cozinha de um restaurante.

O encontro dos dois se dá numa situação-limite: o homem, expulso do restaurante, indignado e emocionado, está todo urinado. É nesta condição que ele toma um ônibus para ir - não sabe bem para onde. Encontra-se, contudo, com a mulher, que o recebe com simpatia e compreensão. Cleide Queiroz e Plínio Soares são os emocionantes intérpretes que, desde o primeiro segundo de sua entrada em cena, capturam a atenção e exigem a empatia do espectador: Yara de Novaes optou por apresentá-los quase desnudos, apresentando seus corpos com as marcas evidentes da idade. Assim, dispensam-se palavras de explicações ou apresentações. Em palavras simples e duras: são dois velhos cuja perda de utilidade para o sistema faz com que se tornem dispensáveis.

A mulher, de certo modo, tem mais fibra do que o homem: ela resiste numa casa aos pedaços, de que deve vários meses de aluguel. Ele nem casa tem. Ela o convida e eles somam suas fraquezas transformadas numa nova força, o amor pela vida.

O texto de Nóvoa desenvolve um pro-

blema crescente na sociedade brasileira, pelo menos há três décadas, e para o qual ninguém se preparou: a gentrificação. O Estado, em todos os seus desdobramentos, vira o rosto à questão. As estruturas de assistência social não foram capacitadas para lidar com o cenário. E a sociedade, de modo geral, não se sensibiliza com este desafio: quanto mais se demora para resolver, pior fica.

Claro que, para o pobre a situação é pior. Mas psicologicamente, nem o idoso de classe média ou alta classe escapa da marginalização e do descarte, nem que seja o social e/ou social. Nóvoa, portanto, põe o dedo na ferida. Mas isso não basta. Tem de botar o dedo na ferida e conseguir desenvolver o problema.

A dramaturgia que aqui se tem alterna-se entre passagens altamente poéticas, emocionantes, e as referências diretamente realistas: a capacidade de dois seres humanos se amarem, inclusive no sentido físico, é a marca da vitalidade erótica da humanidade. Mas em tensionamento, há as questões objetivas da sobrevivência: comer, morar etc. Mas Nóvoa não consegue manter o equilíbrio até o final do seu texto: avisados de despejo, a mulher resolve cobrar um dinheiro que lhe devem. Vai até o teatro e enfrenta o produtor do espetáculo. Leva uma faca consigo. Poderíamos chegar à tragédia, seria uma solução: as páginas dos jornais estão cheias deste tipo de noticiário.

Mas Nóvoa não faz esta opção. O casal volta para casa, reaviva antigos figurinos, com os quais se veste - significativa, é um figurino de tule, que pouco veste e pouco tapa - e fica à espera. De quê? O espetáculo assim termina, de forma frustrante: não há saída? Então, sejamos explícitos. É uma opção com o objetivo de evitar escolher alguma alternativa? Seja como for, o dramaturgo parece abrir mão de uma posição, e isso prejudica sua obra. A diretora Yara de Novaes teve pouco a fazer. O que alcançou, com excelente resultado, foi humanizar ao máximo os dois personagens. E neste sentido, os dois intérpretes são soberbos e valem o espetáculo, fortemente identificados pelos figurinos minimalistas de Fábio Namatame e o espaço cênico de André Cortez. Mas Victor Nóvoa ficou se devendo... E a nós, também.

acontece

RICARDO LAGE/DIVULGAÇÃO/JC

Atriz interpreta a Guardiã da Vida em *Céu Interior*, atração no Teatro Unisinos neste domingo

Ingra Lyberato une teatro e terapia em espetáculo imersivo inédito

Joana Luna Camargo

“Essa é a experiência mais coletiva no teatro que eu já vivi.” É assim que Ingra Lyberato, atriz, escritora e terapeuta, descreve *Céu Interior*, montagem cênica imersiva que reúne teatro, música com instrumentos ancestrais, poesia, performance corporal e pintura ao vivo. O espetáculo chega ao Teatro Unisinos neste domingo, às 19h, com ingressos entre R\$50,00 e R\$200,00, disponíveis pela plataforma Sympla.

A gênese do projeto remonta aos últimos sete anos de trabalho da atriz como terapeuta sistêmica, usando de ferramentas como a constelação familiar e formações em ecopsicologia. Nesse período, desenvolveu, ao lado do músico especializado em *sound healing*, Thiago Salamoni, uma série de encontros terapêuticos presenciais que já incorporavam elementos artísticos, entre eles, o textos, a danças e a música. “Começamos a compartilhar a vontade de expandir essa vivência para além da terapia”, relembra. A ideia amadureceu aos poucos, somando outros nomes - Thiago Tenório, Evander Bica, a professora de yoga Camila Zen -, até ganhar corpo de espetáculo num teste realizado num retiro da própria Camila. “Cada um escrevia seu próprio texto”, conta Ingra, sobre o processo que teceu a dramaturgia, costurada posteriormente por Tenório, que assina o roteiro.

O conteúdo que ela leva ao palco nasceu de forma espontânea no próprio consultório, fruto de atendimentos em que percebia recorrentemente a presença do mesmo tema: as heranças emocionais - positivas e negativas - que carregamos antes mesmo de nascer. Em

cena, interpreta a Guardiã da Vida, responsável por trazer à tona a ancestralidade - “de onde a gente vem, o que nos constitui”, resume.

Já a proposta de dissolver as fronteiras entre palco e plateia não significa necessariamente interação física direta com o público. “Convidamos a plateia o tempo todo a viver as experiências junto com a Viajante, personagem principal”, explica Ingra, descrevendo uma estrutura dividida em atos, que segue a lógica de uma jornada do herói clássica. As artes visuais também sobem ao palco: uma pintura ao vivo de Karla Miranda reforça o caráter único de cada sessão, já que cada apresentação resulta num quadro inédito.

Para a atriz, o trabalho também marca um retorno aos palcos depois de anos de pausa - a peça *Inimigas Íntimas*, que ela protagonizou por 12 anos em Porto Alegre, interrompeu as apresentações na pandemia e nunca foi retomada. Desde então, dedicou-se majoritariamente ao universo terapêutico e à escrita, lançando três livros. Ela destaca o papel do diretor Fernando Rodembusch como facilitador, e não como figura de comando tradicional. “Ele é o grande apoio que nos dá segurança criativa, mas todo mundo contribui.”

Do público, ela espera um convite a desconectar da avalanche de estímulos digitais do cotidiano. “A ideia é que, naquele tempo de uma hora e meia, a gente possa vibrar juntos numa mesma frequência, a partir do coração”, diz. “É um grande mergulho coletivo nisso que carregamos dentro de nós - muito mais desafiador, colorido e intenso do que qualquer historinha assistida no celular.”

fique ligado

Rock nacional provocador

A Camisa de Vênus se apresenta neste sábado, às 21h, no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834), com turnê que celebra os 40 anos dos álbuns *Viva* e *Correndo o Risco*, executados na íntegra. A banda liderada por Marcelo Nova traz no repertório hits como *Eu Não Matei Joana D'Arc*, *Hoje, Só o Fim*,

Simca Chambord e *Deus Me Dê Grana*, resgatando a energia dos shows do grupo na década de 1980. Os ingressos custam entre R\$ 80,00 e R\$ 200,00, com venda pelo Sympla ou na bilheteria física, na loja Planeta Surf do Bourbon Wallig (Assis Brasil, 2.611).

Formada em 1980, a Ca-

misa de Vênus se consolidou como uma das bandas mais provocadoras do rock nacional, com letras afiadas e sonoridade que mistura atitude punk e crítica social. Ambos os discos homenageados na noite são considerados registros fundamentais para a consolidação do rock brasileiro.

ANA KARINA ZARATIN/DIVULGAÇÃO/JC



Banda Camisa de Vênus toca álbuns clássicos na íntegra em apresentação neste sábado no Opinião

Angra celebra 30 anos de Holy Land no Araújo Vianna

O Angra se apresenta neste domingo, às 20h, no Auditório Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685), com a turnê *Holy Land 30th Anniversary*, que celebra os 30 anos do álbum considerado um dos melhores discos de *power metal* já lançados. O show marca o retorno da banda brasileira de metal a Porto Alegre, agora com Alirio Netto nos vocais e execução na íntegra do disco *Holy Land*, que reúne hits como *Nothing to Say* e *Make Believe*, além de outros sucessos da carreira. Os ingressos custam entre

R\$ 80,00 e R\$ 390,00, com venda pelo Sympla ou nas bilheteiras físicas, na loja Planeta Surf do Bourbon Wallig (Assis Brasil, 2.611) e no próprio Araújo Vianna, duas horas antes do show.

Com mais de três décadas de carreira, o Angra é uma das principais referências do heavy metal brasileiro, com discos marcados por riffs pesados e influências eruditas e da música brasileira, como *Rebirth* e *Temple of Shadows*. A turnê atual ainda passa por França, Grécia e Japão, além de festivais no Brasil.

Um Fascista no Divã retorna para apresentação única

O espetáculo *Um Fascista no Divã* retorna para uma apresentação única neste domingo, às 18h, no Teatro Simões Lopes Neto do Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089). Dirigido por Alexandre Dill e estrelado por Vinícius Meneguzzi, o texto de Márcia Tiburi e Rubens Casara coloca um político com comportamentos fascistas diante de um psicólogo, em um confronto com discursos que atravessam a vida política brasileira. Os ingressos

custam entre R\$ 20,00 (inteira) e R\$ 10,00 (meia-entrada), e estão à venda pelo site do Teatro São Pedro.

Estreado em Porto Alegre em 2022, o espetáculo já passou pelo Porto Alegre em Cena e por temporada na Zona Cultural, somando cinco indicações ao Prêmio Olhares da Cena, incluindo Melhor Ator para Vinícius Meneguzzi, além do Prêmio Olhares da Cena de Melhor Direção para Alexandre Dill em 2023.

Rock gaúcho em pegada acústica

O Auditório Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685) recebe nesta sexta-feira, a partir das 20h, o show *Acústico Bandas Gaúchas - Vol. 2*, reunindo Papas da Língua, Vera Loca, Comunidade Nin-Jitsu e Acústicos & Valvulados em versões desplugadas e arranjos inéditos. O projeto dá sequência ao histórico CD/DVD *Acústico Bandas Gaúchas*, lançado em 2005, cuja comemoração de 20 anos lotou o Auditório quatro vezes. O repertório passa por sucessos como *Eu Sei* e *Blusinha Branca*, do Papas da Língua; *Borracho y Loco* e *Graffiti*, do Vera Loca; *Até a Hora de Parar*, do Acústicos & Valvulados; e *Não Aguento Mais* e *Detetive*, da Comunidade Nin-Jitsu. Ingressos entre R\$ 95,00 e R\$ 620,00 pelo Sympla.

Cada uma das quatro bandas soma décadas de trajetória na cena musical gaúcha. O Papas da Língua teve músicas em novelas da Rede Globo; o Vera Loca lançou seu décimo álbum em 2023; Acústicos & Valvulados acumula dez CDs e passagens por festivais como o Planeta Atlântida; e a Comunidade Nin-Jitsu, com 25 anos de estrada, mistura rock, rap, funk carioca e reggae.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO

- 🕒 **18h30min** - Vilma Sonaglio e Gabriela Motta em roda de conversa no V744atelier (Visc. do Rio Branco, 744). Entrada franca.
- 🕒 **19h** - Luciana Batista e Guaira Soares cantam sambas gaúchos em show inédito no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 40,00 no site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.
- 🕒 **20h** - Reunindo circo, dança, audiovisual e música, espetáculo *Solo*, de Annita Brusque, está na Sala Álvaro Moreyra (Erico Verissimo, 307). R\$ 50,00 no Sympla. Repete sáb (20h) e dom (18h).
- 🕒 **21h** - Mariana Volker leva ao Espaço 373 (Com. Coruja, 373) turnê *Feitiço*, com versões acústicas de temas do novo álbum. Participação de Fernanda Copatti. De R\$ 40,00 a R\$ 80,00 no Tri.RS.
- 🕒 **21h** - InDuo passeia pelo jazz e MPB, com repertório de clássicos e canções autorais. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Antecipados a R\$ 40,00 em cafeonfon.com.br; na hora, R\$ 50,00.
- 🕒 **21h** - Destaque do *stand up comedy*, Fábio Rabin está no Teatro Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). Ingressos no Uhuu.

SÁBADO, 26 DE SETEMBRO

- 🕒 **Das 11h às 14h** - Galeria Tina Zappoli (Paulino Teixeira, 35) promove mostra coletiva *A Arte Ali*, comemorativa aos seus 45 anos de história. Vernissage com entrada franca.
- 🕒 **11h** - Margs (Praça da Alfândega, s/n) promove encontro com o artista André Severo. Gratuito, por ordem de chegada.
- 🕒 **14h** - Fundação Iberê (Padre Cacique, 2.000) inaugura exposição *Pedro Escosteguy - poesia, vanguarda e opinião*. Visita mediada no sábado, 15h30min. Entrada gratuita sáb e dom, até 18h.
- 🕒 **14h30min** - Visita mediada à exposição *Uma Força Estranha*, seguida de conversa com Carla Borba, Elaine Tedesco e Paula Krause na Fundação Vera Chaves Barcellos (Rod. Tapir Rocha, 8.480 - Viamão). Transporte gratuito, com saída às 13h30min em frente ao Teatro São Pedro, mediante inscrição pelo site da FVCB. Livre.
- 🕒 **16h** - Poemas e Canções com Cláudio Levitan traz homenagem aos 90 anos de Luis Fernando Verissimo. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). R\$ 30,00, antecipados em cafeonfon.com.br.
- 🕒 **16h** - Milonga Rock Blues 2026 reúne Frank Jorge e Banda, Oly Jr. e os Tocaíes e Banda Osvaldos em festival no Gravador Pub (Ernesto da Fontoura, 962). R\$ 65,00 pelo Sympla.
- 🕒 **16h** - Peça infantojuvenil *O Mundo das Coisas* no Goethe-Institut (24 de Outubro, 112). Ingressos no site e nas Unidades Sesc.
- 🕒 **18h** - Formada por jovens com deficiência intelectual, banda Malukos Beleza traz rock gaúcho e nacional em ensaio aberto na Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). Entrada franca.
- 🕒 **19h** - Paysanos apresenta *Folk Nativo Contemporâneo*, com releituras de Milton Nascimento, Edu Lobo e Cascavelletes, no Bárbaros Cervejas Especiais (Ramiro Barcelos, 1.792). Entrada franca.
- 🕒 **19h** - Pianista cubano Pepe Rivero toca do cha-cha-chá à conga no Instituto Ling (João Caetano, 440). R\$ 60,00, no site e no local.
- 🕒 **19h** - No Dia Nacional do Surdo, Casa de Cultura Mario Quintana promove Sarau Sinalizante com artistas surdos. Na Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736). Evento gratuito.
- 🕒 **19h** - *Brilhante: Nega Lu em Musical* volta a cartaz no Teatro Renascença (Erico Verissimo, 307), com meia-entrada para pessoas negras e pessoas trans. Ingressos no Sympla. Repete domingo, 18h.
- 🕒 **20h** - *Cabaré do Tempo - Pra Lembrar do Futuro* volta ao Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). A partir de R\$ 15,00, pelo site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.
- 🕒 **21h** - Izmália no show *Voz de Veludo*, com Edith Piaf, Fito Páez e Vitor Ramil em arranjos acústicos. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). Ingressos a partir de R\$ 40,00 pelo Tri.RS.
- 🕒 **21h** - Max Trio e trompetista Bruno Silva tocam jazz no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). R\$ 45,00 em cafeonfon.com.br.
- 🕒 **21h** - Hipnólogo André Attie em *Magicamente* no Teatro Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 40,00, no site Uhuu.

DOMINGO, 27 DE SETEMBRO

- 🕒 **16h** - Lançamento do livro *A Polícia no Divã*, de Fernanda Bassani. No Café Mentaleiro (Demétrio Ribeiro, 1.085). Livre.
- 🕒 **17h** - Projeto Sonoridades no CHC Santa Casa (Independência, 75) com Antonio Neves e quarteto. Gratuito, reservas pelo Sympla.
- 🕒 **18h30min** - Orquestra afro-percussiva Aguidavi do Jêje se une a Davi Moraes e Emanuelle Araújo no Opinião (José do Patrocínio, 834). A partir de R\$ 45,00 no Sympla.

reportagem cultural

As muitas vozes de um idealista

Marcello Campos*

A mudança para Porto Alegre expandiu em Carlos Cavaco a vocação para o destaque simultâneo em múltiplas frentes. Com espírito combativo, oratória vigorosa, bigodes à *kaiser*, porte avantajado e muitas vezes envolto em longo gibão de couro, logo se tornaria participante ativo e porta-voz

de ações notáveis na Capital dos primeiros anos do novo século. O advogado pequeno-burguês e aspirante a jornalista, impactado por autores como o argentino José Hernández (*Martin Fierro*) e o francês Victor Hugo (*Les Misérables*), além de ideias socialistas que já circulavam no País antes da Revolução Russa de 1917, abraçou uma categoria da qual jamais pertencera:

o proletariado.

Um marco no engajamento à causa foi a criação do semanário *A Democracia*, em 1905 (após experiência como redator da *Revista do Sul*), tendo como parceiro de empreitada o tipógrafo e jornalista negro Francisco Xavier da Costa, cofundador do Partido Socialista Rio-Grandense. Junto a ativistas como o metalúrgico teuto-gaúcho José Zeller-Rethaler, no ano seguinte tiveram atuação destacada na célebre Greve dos 21 Dias - a primeira paralisação geral no Estado, que conquistou jornada de oito ou nove horas diárias para os trabalhadores. Movimento, aliás, durante o qual surgiu a Federação Operária do Rio Grande do Sul (Forgs).

Quase 100 anos depois, a historiadora norte-americana Joan Bak mencionaria em artigo acadêmico de 2003 um dos discursos daquela mobilização paredista: "(...) Lotando a Praça da Alfândega, Cavaco denunciou a ordem estabelecida que causava o sofrimento dos trabalhadores e, confirmando sua reputação de orador ardoroso, subiu em um banco para fazer forte discurso revolucionário, continuamente interrompido por palmas da multidão. Apondo exemplos alemães e franceses, pediu a fundação de uma federação regional dos trabalhadores, que deveriam ir às barricadas se fosse necessário e dirigir-se a seus chefes com ramo de oliveira na mão esquerda e dinamite na direita".

A reputação popular de Cavaco como herói da classe laboral teve prosseguimento com presença constante na imprensa, literatura e associativismo. No período de 1908 a 1914, participou da fundação do Partido Socialista de Porto Alegre e da Confederação Geral dos Trabalhadores, ambos de duração efêmera. Também editou o *Correio da Tarde* (com o jornalista leopoldense Lindoldo Collor, futuro deputado estadual e ministro do Trabalho de Getúlio Vargas) e *A Vanguarda*, bem como a revista *Echo Americano*. Em paralelo, publicava textos em outros periódicos, não raro primando pela polêmica em temas como o questionamento às elites. Católicas, inclusive.

Oratória eternizada em disco

Fundada em Porto Alegre pelos irmãos italianos Emílio e Savério Leonetti, a gravadora A Elétrica (1913-1924) não foi apenas a segunda do Brasil (11 anos após a pioneira Edison, no Rio de Janeiro), mas também a primeira 100% independente. Estima-se em ao menos 1.300 o número de fonogramas, entre polcas, valsas, maxixes, tangos, marchas, foxes, operetas etc - além de capturar em estúdio dez inflamados discursos de Carlos Cavaco, lançados em 1913-1915 por seu selo principal, o 'Discos Gaúcho'.

A fidelidade sonora não é das melhores (apesar do nome da casa, o sistema elétrico de gravação só chegaria no final da década seguinte). Mas vale pelo raro testemunho de uma oratória que marcou época no Estado. E que hoje pode ser ouvida em *sites* como discografiabrasileira.com.br e acervos.musecom.rs.gov.br, respectivamente mantidos pelo Instituto Moreira Salles e pelo Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre - este último preserva um exemplar de *Alma Gaúcha!* (1914).

DISCOGRAFIA

- ▶ *Homenagem ao Senador Pinheiro Machado* (1913)
- ▶ *Alma Gaúcha!* (1914)
- ▶ *Carlos Cavaco ao Povo no Dia de Sua Liberdade* (1914)
- ▶ *Gaspar Martins* (1914)
- ▶ *O Operário* (1914)
- ▶ *Partido Socialista* (1914)
- ▶ *Discurso de Carlos Cavaco* (1915)
- ▶ *Glória a Dom Pedro Segundo* (1915)
- ▶ *Homenagem ao Doutor Júlio Castilhos* (1915)



ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

Escritor, teatrólogo e ator

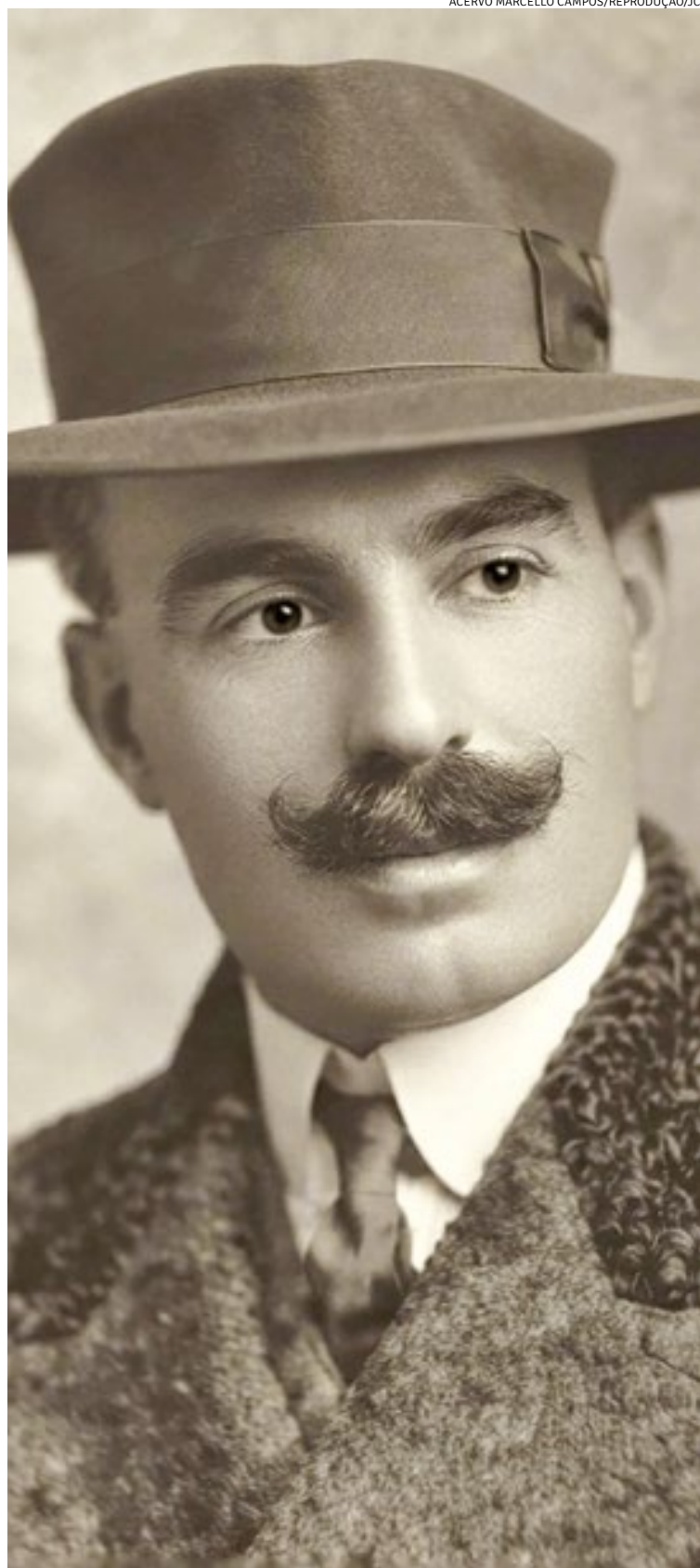
O hábil manejo da linguagem não se limitava aos predicados como tribuno. Havia também nas letras uma vocação potencializada por paixões culturais, políticas, boêmias e amorosas a inspirarem 19 livros de prosa ou poesia, publicados de 1905 a 1960 e hoje disponíveis apenas em sebos. Influenciada por vivências pessoais e correntes de pensamento conservadoras ou libertárias, trata-se de uma escrita ora combativa e grandiloquente, ora romântica e repleta de mesuras, sob louros até em Portugal.

Foi o caso dos poemas de *Rosas de Sangue* (1920), editado em Lisboa e com anotações elogiosas do escritor, dramaturgo e diplomata local Júlio Dantas no prefácio. "Li com muito prazer os seus versos. São belos como tudo quanto é forte, eloquentes como tudo quanto é simples. Palpitam de comoção, lampejam de entusiasmo. Filhos espirituais da lira rebelde de André Chenier, têm o vigor invencível d'uma convicção em marcha. São mais ainda os versos de um orador que versos de um poeta. Todos eles retinam como fanfarra e têm nobreza, in-

dependência, audácia e força!".

Com o mesmo espírito panfletário e repercussão, entre 1909 e 1940 assinou nove peças de teatro em diversos Estados. A estreia oficial se deu com *A Carta Anônima*, em três atos concebidos com o mal disfarçado objetivo de rebater sua fama de agitador subversivo e demagogo. Com leveza distante do estilo acalorado das obras de maior teor político, foi encenada com sucesso no Theatro São Pedro. Sem fugir à sua índole aglutinadora, em 1917 colocou sua rubrica entre os fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, no Rio de Janeiro.

Sobrou tempo para nova peripécia no campo das artes. Ao lado da esposa, estreou o curta-metragem *O Ranchinho do Sertão*, dirigido pelo teuto-gaúcho Eduardo Hirtz e em cartaz nas noites de 27 e 28 de março de 1909 no Cine Recreio Ideal, da Rua da Praia. "Esse é o primeiro filme de ficção produzido no Rio Grande do Sul, tanto que sua data de estreia inspirou a criação do Dia do Cinema Gaúcho. Infelizmente, não restaram cópias conhecidas", explica o pesquisador Glênio Póvoas.



Santanense radicado em Porto Alegre mobilizou a classe operária

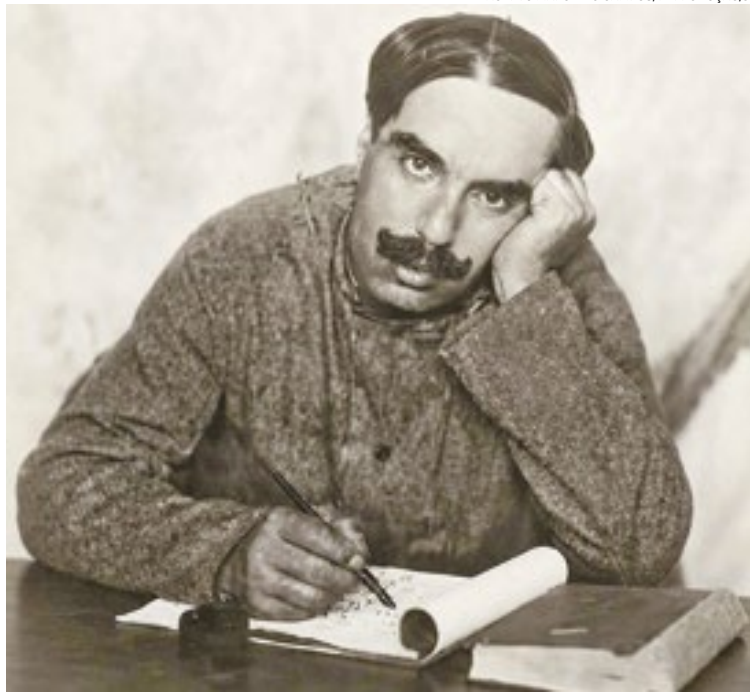
Literatura e dramaturgia

- ▶ *Rosicler* (crônica/poesia) | 1905
- ▶ *Operários* (poesia) | 1907
- ▶ *A Carta Anônima* (teatro) | 1909
- ▶ *Nas Sombras do Cárcere* (crônica) | 1913
- ▶ *Na Cela N.º 3* (crônica) | 1913
- ▶ *Na Luz da Liberdade* (crônica) | 1914
- ▶ *A Primeira Rosa* (teatro) | 1915
- ▶ *Lama!* (romance) | 1916
- ▶ *Cego De Amor* (teatro) | 1916
- ▶ *Mãe Brasileira* (teatro) | 1916
- ▶ *Portugal Na Guerra* (teatro) | 1918
- ▶ *Grito D'Alma* (teatro) | 1918
- ▶ *Rosas de Sangue* (poesia) | 1920
- ▶ *Monólogo* (teatro) | 1920
- ▶ *Bíblia do Ódio* (ensaio) | 1921
- ▶ *Sangue Americano* (crônica) | 1924
- ▶ *La Garçonne Brasileira* (romance) | 1925
- ▶ *Prosa de Combate* (crônica) | 1927
- ▶ *Musa Vermelha* (poesia) | 1928
- ▶ *Freirinha do Convento da Saudade* (poesia/conto/romance) | 1930
- ▶ *Armistício* (teatro) | 1932
- ▶ *Flor Dos Pampas* (poesia/crônica) | 1935
- ▶ *Caxias* (teatro) | 1940
- ▶ *Precisamos Ser Brasileiros* (ensaio) | 1941
- ▶ *Viva o Brasil, Canalha!* (ensaio) | 1942
- ▶ *Caxias* (ensaio) | 1942
- ▶ *A Existência de Deus e a Felicidade Humana* (ensaio) | 1949
- ▶ *Caminhos do Meu Destino* (memórias) | 1960

Escândalo e prisão

A figura magnética de Carlos Cavaco não passou despercebida a um público pouco presente à agitação das ruas no primeiro

quarto de século: o feminino. Conhecido - e temido - como irresistível galanteador, suas aventuras extraconjugais eram motivo de



ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

Na prisão (1913-14): acusado de seduzir adolescente, sempre protestou inocência

escaramuças domésticas mencionadas pelo cronista Nilo Ruschel no livro *Rua da Praia* (1971): “Personagem tão novelesco não poderia ter uma vida familiar muito tranquila. Por várias vezes se separou da mulher e, depois de cada briga, ele voltava, começando pela forma romântica de então. Postava-se à esquina, perto da casa e, de longe, principiava a namorar, ao melhor estilo, a deusa dos seus sonhos... Bilhetes, versos, ramalhetes de flores”.

No final de 1912, seu nome esteve no centro de um dos maiores escândalos gaúchos da época, com ampla repercussão na imprensa e burburinho nos cafés e rodas de conversa da cidade. O incidente envolvia a acusação de seduzir e raptar a adolescente Leonor Príncipe, filha de um militar e que permanecera desaparecida durante uma semana, até ser encontrada pela Polícia em uma casa no Areal da Baronesa. Cavaco estava fora de Porto Ale-

gre e, mesmo assim, acabou condenado a oito anos de cadeia na Casa de Correção - permaneceu 14 meses engaiolado, até ser solto após suposta intervenção da própria esposa junto às autoridades.

O período havia inspirado o prisioneiro a escrever os livros *Nas Sombras do Cárcere* e *Na Cela n.º 3*, nos quais reafirmava inocência. Uma terceira obra, *Na Luz da Liberdade* (1914), estamparia na capa a foto da multidão a recepcionar Cavaco no portão da penitenciária, antes de carregá-lo nos ombros - uma prova indiscutível do ambíguo fascínio do personagem no imaginário da época. Ele voltaria ao noticiário por *affair* semelhante em 1918, dessa vez com a jovem Carlota Granna, conforme relata o historiador Benito Schmidt: “Temendo nova prisão e a hostilidade pública decorrente de suas audaciosas investidas, o irrequeto agitador viu-se forçado a exilar-se [temporariamente] no Uruguai”.

Diplomata e funcionário público

Tantas foram as andanças de Carlos Cavaco que a narrativa desta reportagem é forçada a dar um salto até 1921. Já viúvo e pai de uma filha, ele viajou por países como Bolívia, França, Espanha e Portugal, travando contato com intelectuais e políticos, sobretudo em Lisboa, onde conseguiu proeza que beirava o surrealismo: a nomeação como cônsul do País no Equador (!). De volta ao Brasil na segunda metade da década, obteve o título de doutor pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, chegando a atuar como professor, aprovado em concurso de 1926. Já as inclinações para Don Juan foram lacradas no ano seguinte, ao se casar com Heloisa Yolanda Bezerra, com quem teria mais seis rebentos - a maioria mulheres.

Integrado às forças do golpe militar que em 1930 levou o gaúcho Getúlio Vargas ao comando do País, Cavaco passou a exercer cargos de destaque no Ministério do Trabalho, sem prejuízo à constante produção

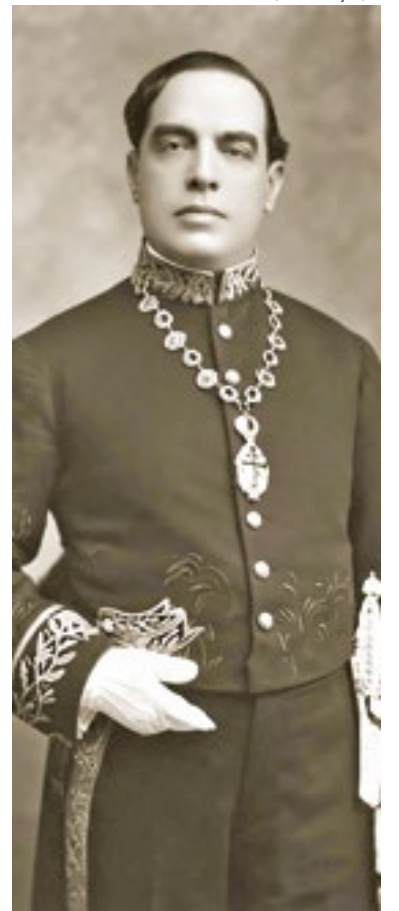
literária e dramática. A trajetória como burocrata ganhou continuidade em cargos como fiscal do Departamento Nacional do Trabalho, oficial do Cartório do Registro do Protesto de Títulos do Rio de Janeiro (cargo pelo qual se aposentou em 1945) e assessor técnico da Comissão de Orientação Sindical do ministro João Goulart (1953-1954). Experiência, aliás, que não lhe garantiu os votos necessários em duas candidaturas a deputado federal.

Os anos finais do antigo agitador das massas foram de vida tranquila com a família em Petrópolis, na serra fluminense, de onde saiu em setembro de 1956 para uma última visita à sua natalícia Sant'Ana do Livramento. Em 1960, após a publicação de *Caminhos do Meu Destino* (Memórias), excursionou novamente pela Europa, sendo recebido em audiência no Vaticano pelo papa João XXIII. “Em Paris, no mês de junho, Carlos Cavaco sentiu os primeiros sinais da doença que

o levaria ao túmulo 18 meses depois. Submetido a intervenção cirúrgica em agosto do ano seguinte, foi desenganado pelos médicos”, relata o biógrafo Ivo Caggiani, sem mencionar explicitamente o câncer.

Mesmo debilitado, dedicou no *Jornal de Petrópolis* um artigo ao amigo Alziro Zarur, jornalista e fundador da Legião da Boa Vontade (LBV). Dias depois, em 22 de dezembro de 1961, encerrava-se aos 83 anos a trajetória quixotesca de um gaúcho que ainda hoje atrai a atenção de pesquisadores mundo afora. E cujas reminiscências em livro haviam sublinhado, a respeito do próprio legado: “Tenho certeza de que o meu nome será um dos poucos lembrados nos anos e até nos séculos do futuro, enquanto serão completamente esquecidos os de muitos que hoje se refratam no bem-estar, no conforto, no prestígio, no luxo de altas posições. Tenho absoluta certeza de que não serei somente o que os outros são, pó que voltará ao pó”.

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



Carlos Cavaco mudou-se para o Rio de Janeiro nos anos 1920



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com

nas telas



Longa de animação de Priscilla Kellen, *Papaya* foi selecionado para o Festival de Berlim

Estreias nos cinemas de Porto Alegre

Uma semente e o sonho de voar

Uma animação brasileira sobre uma semente de mamão apaixonada pela ideia de poder voar. Esta é a adorável premissa do primeiro longa metragem da diretora e artista gráfica Priscilla Kellen. Primeiro filme do gênero a ser selecionado para o Festival de Berlim, *Papaya* chega aos cinemas brasileiros neste final de semana. Para realizar seu sonho de voar, a pequena semente se põe em movimento constante, evitando, assim, ficar

enraizada. No entanto, ao longo da jornada, a semente descobre a força transformadora de suas raízes, capazes de conectar vidas por caminhos profundos e misteriosos e de provocar uma verdadeira revolução em seu mundo. Sem diálogos em seus 74 minutos de duração, a animação mistura formas bidimensionais, colagens e uma paleta visual inspirada em grafismos latino-americanos e em obras do francês Henri Matisse.

Menos virtude do que parece

Uma crítica ácida e bem humorada ao fenômeno das *trad wives*, estrelada por Bruna Linzmeyer - é o que veremos nos cinemas a partir deste final de semana com o filme *Virtuosas*. Dirigida pela cineasta Cíntia Domit Bittar, a produção questiona o conceito da chamada 'esposa tradicional', popularizado pelo termo em inglês *trad wife*. Linzmeyer dá vida à Virgínia Heinzl, uma *coach* que tem como foco o público feminino conservador e

que prega sobre os valores da mulher virtuosa do Provérbios 31 e seu papel na família e na sociedade. A *coach* oferece às interessadas um retiro VIP que promete aperfeiçoar mulheres em busca de sua melhor versão. Mas essa jornada virtuosa acaba se revelando absurda e perigosa, sob as regras de uma fé que não admite falhas. O elenco ainda conta com Nenê Borges, Fernando Bispo e participação especial de Gabriel Godoy.

Criaturas mágicas em uma terra perdida

Uma jornada fantástica por uma ilha cheia de cores e seres surreais é a história de *A Ilha Esquecida*, que chega às telonas neste final de semana. Com direção de Joel Crawford e Januel Mercado (mesmos diretores de *O Gato de Botas 2*), a nova animação da Universal Pictures e da DreamWorks surge credenciado por uma boa resposta junto à crítica especializada. O filme conta a história de

Jo e Raissa, recém-formadas no ensino médio e melhores amigas desde a infância, mas agora prestes a seguir caminhos distintos. Enquanto celebram sua última noite juntas, elas encontram um portal misterioso que as transporta para a fantástica ilha de Nakali, repleta de criaturas mágicas e mitológicas sobre as quais cresceram ouvindo histórias contadas por suas famílias Filipinas.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Atividade em bares			Área que estuda a relação das pessoas com seu meio ambiente		Campo da Medicina		Pessoa muito parecida com outra	Cantor e compositor que lançou o álbum "O Samba Não É de Ninguém"
A Pagu, autora do romance proletário "Parque Industrial"			Nativo japonês		CD-(?), mídia			
Denomina o torcedor do Fluminense (RJ)								A última mensagem do navio Titanic
Limpa o sistema imunológico								
Relativos à categoria científica			Afeto gostoso		Molécula-grama			
Conceito moralista			Descrentes		Aspirina (sigla)			
				(?) Mort, detetive de Verissimo (HQ)	Estreito que liga o mar Egeu ao de Formiga, em inglês	Mármara (Geog.)		Complexo que previne a anemia
Comidas (?): são guardadas no freezer								
Música (?): apoio sonoro à cena Mineração								Palavra de nome de instituições espíritas
				Linguagem de programação		Moeda criada no Governo Itamar		
Bee (?): gravaram "Stay'n' Alive"				Tramar				
A pintura dos antigos gregos e romanos				"Sonata ao (?)", música				
				Antiga veste militar				Os 9 números iguais de 1 bilhão
				Adoçante de bolos				
					(?)-vômica, planta venenosa			
(?)-violência, política de Gandhi			Banha Berna, a capital da Suíça		(?) falho: revela desejo reprimido		Subdivisão do Plano Piloto de Brasília	
			Extremo negativo na concepção dualista		Fazer subir por meio artificial			
				Sortudo; afortunado				
Conceito básico do Gestaltismo	As (?): o Estado de Minas Gerais							

BANCO 3/ant. 4/alno. 5/cande — coura. 10/dardanelos — fagocitose. 28



Solução												
S	V	S	O	R	E	T	V					
O	S	O	T	I	D	V	M	O	F			
H	V	T	V	N	T	O	V	N				
E	E	H	V	F	A							
Z	O	N	V	C	I	S	S	T	C			
H	V	U	T									
H	I	D	H	N	S	E	G					
T	V	H	C	V	H	A	V	T				
T	V	N	E	D	I	C	N	I				
S	V	D	V	T	E	G	N	O	C			
H		O	O	I	C	I	A					
S	V	V	W	O	T	H	H					
S	O	I	W	O	N	O	X	V	I			
E	S	O	T	I	C	O	G	V	F			
Z	O	H	V	E	D	O	D					
	S	O		O	R							

Horóscopo

Áries: Sua relação com as pessoas está mais escorregadia e movediça do que você imaginaria. Espere para ver se o posicionamento melhor é aquele que soa tão bom neste dia.

Touro: O Sol se antepõe ao inebriante Netuno indício de tingir o trabalho e as lidas práticas com grandes sonhos e ideais. Apoie-se nas realizações que são mesmo viáveis.

Gêmeos: Momento de inspiração forte, mas que precisa ser readequada. Os desejos amorosos buscam algo de muitas dimensões, que pode não caber no imediato da realidade.

Câncer: Você deseja coisas muito grandiosas e isso não deveria tirar seu foco dos cuidados básicos. Há questões profissionais e familiares a serem consideradas com seriedade.

Leão: Seus pensamentos vão para além e você tende a perder o foco da organização imediata que precisa colocar em prática. Incorpore as ideias maiores, mas cuide do imediato.

Virgem: Ao lidar com bens materiais, ainda mais quando de outras pessoas, podem ocorrer uma confusão. Será preciso você reconhecer o limite do que é seu e do que é do outro.

Libra: Os outros espelham você de maneira distorcida. Nem elogios nem críticas devem ser recebidos sem uma reconsideração cautelosa. Você pode hoje se fascinar e se enganar.

Escorpião: Questões de saúde e trabalho suscitam exageros com receios ou temores. Você tende a não estar percebendo bem a situação. Não vá retraduzir os fatos re-imaginando-os.

Sagitário: As afeições ganham uma aura que não corresponde ao que elas são. As afeições se mostram bastante enganosas e movediças. Chance de confundir amizade e amor.

Capricórnio: A família parece atrapar-lhar seus interesses profissionais. Na verdade, trata-se da exigência de fazer desenvolver seu trabalho sem negar a existência da família.

Aquário: Possível tensão interior neste dia, pela agitação enganosa dos pensamentos. Você pode achar que está perdendo algo de grandioso Veja o que realmente cabe em sua vida.

Peixes: Nos negócios e relações materiais, atenção para não passar os limites do razoável ou perder o senso de medida. Veja quais são suas responsabilidades e seu terreno.

Gregório Queiroz / Agência Estado



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Grande sertão: veredas, os primeiros 70 anos

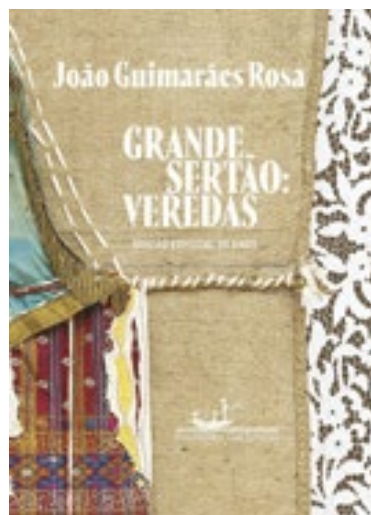
Italo Calvino escreveu um livro intitulado *Por que ler os clássicos* e ensinou: porque eles nunca terminam, deixam marcas profundas na memória e se tornam inesquecíveis, são livros de descoberta e autocohecimento, dão prazer e saber e funcionam como bússolas. Tudo isso e mais se aplica a *Grande sertão: veredas*, setentão lépido e faceiro, de 1956, de João Guimarães Rosa (1908-67) que foi publicado em edição especial da Companhia das Letras (544 pág, R\$ 209,00), com novo projeto gráfico, entrevista do autor e ensaio de Érico Melo sobre os rascunhos e a forma final do romance.

Clássico definitivo, recriador da língua portuguesa mesclando fala de jagunços com erudição latina e grega, pleno de imaginação poética sem limites, com oralidade sintética, universalidade

no regional e poesia em prosa inigualável, a narrativa continua traz Riobaldo, Diadorim (Reinaldo), Hermógenes, Joca Ramiro, Zé Beбето, Medeiro Vaz, Otacília e Nhorinhá envolvidos no bem e no mal, liberdade e destino, violência e vida, amor, identidade e a transformação do indivíduo e o sertão, que “é dentro da gente”.

Romance de aventura, história de amor, narrativa de formação e grande reflexão sobre bem, mal, destino e liberdade: tudo isso e mais o infinito que os leitores imaginarem, criarem, sentirem, duvidarem e filosofarem estão no livro, no sertão, nas veredas, nas árvores, animais, pessoas, luzes, sombras, silêncios e sons, revelações e mistérios de ontem, hoje e sempre.

Depoimentos inéditos dos leitores ilustres Mia Couto, Ali-



son Entrekin, Caetano W. Galindo, Eduardo Gianetti, Milton Hatoum, Bia Lessa, Ana Martins Marques, Geovani Martins, Amara Moira, Silviano Santiago, Heloísa Murgel Starling e Itamar Vieira Junior estão nesta edição de um dos maiores romances brasileiros e mundiais.

e palavras...

BRASILEIRO, PROFISSÃO (DES) ESPERANÇA?

Na primavera tudo reflorescerá. Brasileiro sempre achou que Deus é brasileiro, que aqui em se plantando tudo dá, que segunda-feira seremos um País que vira nação e que somos campeões mundiais no palitinho e no jeitinho de ouro para ser maior e mais esperto que os gringos. A gente sabia que o Ademar de Barros roubava, mas fazia. Hoje tem muito Ademar que rouba e não faz. Tem muito Ademarizado, envolvido na corrupção estrutural ou se conformando.

Os ladrões de galinha de hoje roubam iPhone 18 Pro, velhinhos e galinhas dos ovos de ouro, de preferência com ovos Fabergé. Domingo de noite tem muitos comprando pizza pela tele e financiando os R\$ 60 reais em dez vezes no cartão. Depois dão a desenrolada básica. Pagar em dia está complicado. Cinquenta milhões estão com bolsa família, oitenta e quatro milhões estão endividados, a dívida bruta do Governo Geral é R\$ 10,9 trilhões e a dívida pública federal é de R\$ 9,3 trilhões. Juros nominais pagos do setor público somam R\$ 1,16 trilhões em doze meses. Não está fácil seguir exercendo a Profissão Esperança, que o brasileiro tanto gosta e que já foi nome de peça de teatro. Essas eleições têm cara de medo, de desesperança, mas não podemos afrouxar o garção. A esperança é a última que morre. Enquanto há vida, há esperança.

Quando eu tinha 10 anos, em 1964, e vivia na sempre florescente Bento Gonçalves, a professora disse que felizmente estávamos livres do comunismo, que teríamos liberdade e desenvolvimento. Fiquei esperançoso e orgulhoso do meu País bicampeão mundial. Desfilava garboso de conga no 7 de setembro.

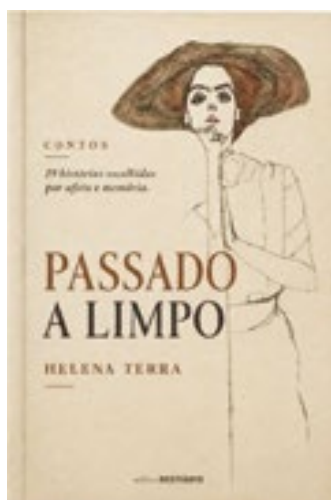
Em Porto Alegre, estudando no fervilhante Julinho, de 1967 a 1972, fiz parte da “geração amordaçada”, me diziam para ficar quieto, mas participei de algumas passeatas e berrei palavras de ordem, com o cuidado de não radicalizar para não apanhar de graça dos brigadianos.

Em 1974, na Faculdade de Direito da Ufrgs, onde fiquei até 1978, fim do governo Emílio Médici, época de Geisel e do “Milagre Econômico”, começava a abertura “lenta, segura e gradual”, e as esperanças de tempos menos de chumbo, com Figueiredo, Em 1984, já advogado, casado e Procurador do Trabalho, fui para a frente da prefeitura de Porto Alegre, de noite, gritar por Diretas Já. Não deu diretas, mas deu Tancredo. Pelo visto, por vontade de Deus, se livrou do rojão, que ficou para Sarney. Dizem que as sete cirurgias foram só três. Quatro teriam sido fraudes contra a Previdência.

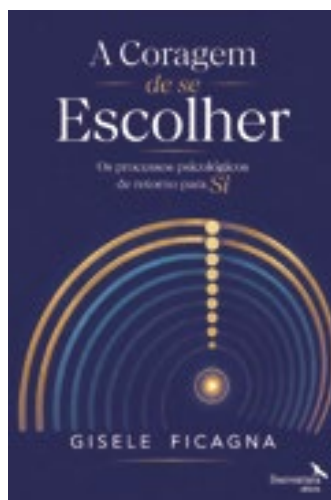
Esperanças com Sarney, com desejo de ver a sociedade civil organizada, de baixo para cima, passar a limpo o País. Não foi bem isso, e Collor acabou cassado pelos marajás que queria caçar. Itamar deu esperanças, Plano Real, zero corrupção, o melhor presidente das últimas décadas, mas logo veio FHC, com esperanças tucanas.

Novas esperanças com Lula, Dilma e Temer. O Brasil não é para amadores, viver no exterior é bom, mas é uma merda, e viver no Brasil é uma merda, mas é bom, disse Tom Jobim, um dos maiores brasileiros. A insatisfação trouxe Bolsonaro, e Bolsonaro motivou a insatisfação que trouxe Lula. Mais esperanças e desesperanças. Nas segundas-feiras fomos ficando menos esperançosos de ver o País virar nação.

Lançamentos



► **Passado a limpo** (Bestiário, 100 pág, R\$ 48,00), de Helena Terra, autora de romances e do folhetim *A medida das coisas humanas*, traz contos sobre pessoas, relações e cenários que rompem com as regras tradicionais. Nada de finais surpreendentes ou economia narrativa. Palavra e trama dividem o protagonismo. Memórias, desejos, perdas e passado vivo das pessoas em linguagem inventiva, invejável, intensa e sensual.



► **A coragem de se escolher** (Boaventura Editora, 172 pág), da psicóloga, gestora e psicopedagoga Gisele Ficagna, especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental, Neurociência e Comportamento Humano, mostra os processos psicológicos de retorno para si. Escolher a si não é ato de egoísmo, é ato de consciência. Lançamento 26/9, 16-18h, Livraria Santos (Dinarte Ribeiro, 148).



► **Os assassinatos da casa decagonal** (Editora Intrínseca, 288 pág, R\$ 69,90), do consagrado japonês Yukito Ayatsuji, é um dos clássicos de suspense da literatura japonesa, eleito pela Time como um dos 100 melhores livros de mistério de todos os tempos. Sete pessoas, ilha deserta e uma armadilha de dez lados, onde a morte está sempre à espreita. Será possível escapar desse destino fatal?

A propósito

Agora estou com 72, meio aposentado e meio, ou vinte e cinco por cento, esperançoso. Estou quase no cheque especial da esperança. Por incrível que pareça, ainda procuro ter esperança de que as elites poderosas dos Três Poderes um belo dia se reúnam para pensar no que é melhor para o coletivo e agir a favor do melhor interesse público.

Mais um sonho de uma noite de verão. Como diz o outro, a vida é sonho, e os sonhos, sonhos são. Tomara que minha neta de dois anos não precise ir para o Paraguai, país ótimo, sério, democrático e florescente. Aliás, tomara que nesta primavera, mais uma vez, tudo desabroche, inclusive e principalmente a periclitante esperança. (Jaime Cimenti)

sangue novo

Maurilio aponta para o futuro olhando para trás

Joana Luna Camargo

Cuica, violão de nylon, agogô, atabaque - os instrumentos que sustentam *Flecha do Avesso*, primeiro álbum solo de Maurilio, carregam o mesmo calor que atravessa as nove faixas do disco. É um samba rock que furta a vontade de ficar parado, mesmo que seja apenas um balançar de ombros. Filho de nordestinos, nascido em São Paulo, criado também no Amapá e radicado no Rio Grande do Sul há duas décadas, o compositor carrega essas geografias na própria sonoridade que constrói.

A escuta do artista também nunca teve fronteiras. "Sou filho de um trombonista do Exército. Comecei a me interessar por música ouvindo os CDs que tinha

em casa - Blitz, Legião Urbana, Djavan. Vendo a MTV, passei a gostar de Kiss e virei um *rocker*. Uma mistura danada", conta. Essa miscelânea ainda é observada hoje: "Posso estar ouvindo um disco do Deep Purple e, em seguida, ouvir um samba-enredo ou um disco de forró, sem nenhuma dificuldade".

Foi esse apetite amplo que moldou boa parte da carreira do compositor, ainda que nem sempre de forma linear. Por anos, Maurilio foi guitarrista de bandas de rock e blues. Em Pelotas, criou o projeto As Longas Viagens, pelo qual lançou dois discos de rock alternativo em 2019, até a pandemia encerrar o ciclo. "Eu entendi que tinha que iniciar um novo momento", relembra. Então, em 2021,



RICARDO ARA/DIVULGAÇÃO/JC

Radicado no RS há duas décadas, compositor lançou em agosto *Flecha do Avesso*, seu primeiro álbum solo

assinou pela primeira vez com o próprio nome, em dois singles que ainda flertavam com o rock, mas já com sotaque mais brasileiro.

A virada, segundo ele, foi mais um retorno do que uma ruptura. Antes da guitarra, vieram o violão e a MPB que tocava em casa, e o nylon nunca saiu das composições, nem nos anos mais roqueiros. Com o tempo, xote, arasta-pé e samba foram entrando no repertório, e o desafio passou a ser costurar tudo sem fazer "um disco esquizofrênico", que começasse de um jeito e terminasse de outro.

Uma das decisões mais mar-

cantes do álbum foi abrir mão da bateria e apoiar tudo na percussão, em diálogo com o samba rock dos anos 1960 e 1970 de Trio Mocotó, Originais do Samba e Jorge Ben. "Eu quis fazer isso porque também nos forçava a buscar a estética desejada", explica. Já a composição, segundo ele, costuma partir da melodia, não da letra - um método que chama de "tecnologia reversa": primeiro cantrola ou toca uma ideia no violão, depois vai entendendo qual tema aquela melodia pede.

A produção musical é de Guilherme Ceron e a direção artística, da cantora e compositora baiana

Lívia Nery, convidada para trazer um olhar de fora sobre a obra. O disco ainda tem participações de Juçara Marçal, Fernando Catatau, Tonho Crocco e Nina Fola, e sai pela Frase Records, selo que concentra nomes da cena porto-alegrense que ele admira.

Os próximos passos incluem um mini documentário sobre o disco, ainda sem data, e uma turnê pelo interior gaúcho, com passagem por Pelotas. O título do álbum, tirado de um verso da primeira faixa, resume o caminho até aqui: "É avançar olhando pro passado, para as próprias referências, para a própria história."

qual é a boa?

Toda semana, a equipe de redação do JC se mobiliza para trazer sugestões de como melhor curtir o cenário cultural de Porto Alegre. Pega o caderninho, anota as dicas e se programa para curtir o que de melhor a cidade tem a oferecer



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Papas da Língua, Vera Loca, Acústicos & Valvulados e Comunidade Nin-Jitsu (que lista!) se unem no palco do Araújo Vianna em uma grande celebração à música gaúcha. Eis a dica desta repórter, que é suspeita para falar da produção musical do nosso Estado. O show será hoje, às 20h, e faz parte do projeto *Acústico Bandas Gaúchas* - que, em sua primeira edição, lotou quatro vezes a casa de shows da Osvaldo Aranha, celebrando os 20 anos do histórico CD/DVD lançado em 2005 pela MTV. Imagina poder ouvir versões desplugadas de clássicos como *Borracho y Loco*, *Toda Molhada*, *Remédio* e tantos outros *hits*? Ainda há ingressos à venda no Smypla.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura



TÂNIA MEINERZ/JC

Se tu gostas de rock gaúcho, o lugar para estar nesta sexta-feira é o Espaço 512, na Cidade Baixa. A partir das 23h, a Shaun abre os trabalhos com seu *groove madchesteriano* e os vocais de João Carneiro, além dos *backing vocals* e da percussão de Joana Luna, repórter de Cultura do JC e a barriga-verde mais gaúcha de Liverpool. Na sequência, sobem ao palco Martin e Os Martírios, que aproveitam a noite para lançar, com pitadas de contradições, fracassos e inquietações do cotidiano, o EP *O Último Raio*. É a chance de apoiar a cena local e curtir um som para lá de maneiro. Os ingressos custam apenas R\$ 20,00 e estão à venda no Smypla.

Gustavo Marchant,
repórter do GeraçãoE



TÂNIA MEINERZ/JC

Minha dica é encerrar o fim de semana com o encontro dos Fantomaticos e Quarto Sensorial no Bar Ocidente, domingo, a partir das 18h. Fantomaticos carrega mais de duas décadas de trajetória, com uma identidade construída dentro da cena alternativa porto-alegrense - a cidade, aliás, é matéria-prima recorrente das composições da banda, presente em discos como *Esquinas*. Já o Quarto Sensorial, trio instrumental formado em 2007, transita entre *post rock*, *free jazz* e improvisação, sem se prender a fronteiras de gênero. É uma boa chance de ver ao vivo duas propostas bem diferentes entre si, mas igualmente inquietas, dividindo o mesmo palco.

Joana Luna Camargo,
repórter do JC



ARTUR KOCH/JC

No domingo, para fechar o final de semana, a clássica banda brasileira de metal Angra leva ao palco do Araújo Vianna a turnê que celebra os 30 anos do álbum *Holy Land*. O disco traz fortes raízes brasileiras tanto em seus arranjos quanto em seu formato conceitual, com letras que versam sobre a chegada dos portugueses ao Brasil no século XVI. O show é dividido em duas partes: na primeira, o álbum é tocado na íntegra - o que é uma bela e rara oportunidade. Na segunda, um passeio pelos 35 anos de carreira do Angra, em um bloco que contempla seus grandes clássicos. Música brasileira, mas com o peso do *power metal* em um dos palcos mais tradicionais de Porto Alegre.

Nathan Lemos,
videomaker do JC